



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DE BRASÍLIA.  
CAMPUS PLANALTINA  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

**SABERES TRADICIONAIS EVIDENCIADOS NA FESTA DO DIVINO  
ESPÍRITO SANTO, CIDADE DE PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL**

JANARA CRISTIANE NEVES OLIVEIRA

Planaltina – DF

2017



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DE BRASÍLIA.  
CAMPUS PLANALTINA  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

JANARA CRISTIANE NEVES OLIVEIRA

**SABERES TRADICIONAIS EVIDENCIADOS NA FESTA DO DIVINO  
ESPÍRITO SANTO, CIDADE DE PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso - TCC ao Instituto  
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília  
- IFB, como parte das exigências para a obtenção do  
grau de Tecnólogo em Agroecologia.**

ORIENTADOR: VANIA COSTA PIMENTEL

Planaltina – DF

2017



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DE BRASÍLIA.  
CAMPUS PLANALTINA  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**JANARA CRISTIANE NEVES OLIVEIRA**

**SABERES TRADICIONAIS EVIDENCIADOS NA FESTA DO DIVINO  
ESPÍRITO SANTO, CIDADE DE PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso - TCC ao Instituto  
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília  
- IFB, como parte das exigências para a obtenção do  
grau de Tecnólogo em Agroecologia.**

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Vania Costa Pimentel (orientadora)

---

(assinatura do orientador)

Prof. Msc. Hamilton Marcos Guedes (membro da banca)

---

(assinatura do examinador)

Prof. Dr. Vicente de Paula Borges Virgolino da Silva (membro da banca)

---

(assinatura do examinador)

**Planaltina - DF, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.**

Dedico este trabalho a minha família pela tradicional devoção ao Divino Espírito Santo e aos meus amigos e foliões pela motivação para realização da pesquisa.

*In memoriam*

Ao meu avô, José Leonice das Neves

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as graças recebidas durante toda a minha vida e a inspiração para realização dessa pesquisa a partir da devoção ao Espírito Santo terceira pessoa da santíssima trindade. Ao meu avô *in memoria*, por todos os ensinamentos e zelo para com o sagrado que sempre demonstrou e o legado que deixou. Agradeço também, aos queridos foliões da cidade de Planaltina, que me receberam de forma tão acolhedora e que tornaram grandes amigos no decorrer do giro, em especial aos Alferes Sr. Aécio Campos e sua esposa a Sra. Ivalda que permitiram acompanhar a festa do divino durante o período que eles estiveram à frente. Aos guias de folia Joaquim de Felipe e Marcos Maciel pelos esforços em contribuir com a pesquisa. A minha orientadora, professora Vânia Pimentel que me acompanhou na pesquisa me acompanhando também durante o giro de folia. Aos meus amigos Deildes Marçal e Marcelo Borges que também foram meus companheiros de jornada durante a pesquisa de campo. Não podendo deixar de agradecer a minha família, as minhas tias, meus tios avôs ao qual admiro muito por sua devoção ao Divino Espírito Santo, a minha mãe que nunca mediu esforços para me tornar a pessoa que sou.

Espírito de Deus, enviai dos céus um raio de luz. Vinde, Pai dos Pobres, dai aos corações vossos sete dons. Consolo que acalma, hóspede da alma, doce alívio, vinde! No labor, descanso, na aflição, remanso, no calor, aragem, ao sujo, lavai, ao seco, regai. Curai o doente. Dobrai o que é duro, guiai no escuro, o frio aquecei. Enchei, luz bendita, chama que crepita o íntimo de nós. Sem a luz que acode, nada o homem pode, nenhum bem há nele. Dai a vossa igreja, que espera e deseja, vossos sete dons. Dai, em prêmio ao forte, uma santa morte, alegria eterna. Amém.

(Sequência de Pentecostes )

## **RESUMO**

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das manifestações populares religiosa mais antiga registrada no Brasil. Trazida pelos portugueses, essa festa está presente desde o início da formação da cidade de Planaltina-DF e permanece até os dias atuais como herança da colonização, moldada pelo tempo e adquirindo caráter regional verificados na música, dança e alimentação. Nesse estudo se observa as relações sociais, afetivas, simbólicas e culturais evidenciadas na festa, podendo dar visibilidade a aspectos como os saberes e práticas tradicionais da folia que são formas coletivas e cooperativas de organização social. Essas formas são construções da identidade do povo e traz a compreensão do reconhecimento da Agroecologia, para além de um sistema de produção. Por fim, resgatar e identificar os saberes tradicionais evidenciados na festa através de seus personagens.

**Palavras-chave:** Folia de roça, religiosidade popular, Agroecologia

## **ABSTRACT**

The Divino Espirito Santo is a Party popular celebration religious more old of Brazil that Came to from Portugal, Divino was began be present when Planaltina-DF was still building. This kinda tradition continue until today being kinda inheritance popular. Shaped by time and acquiring regional character verified in music, dance and food. In this study it is observed how social, affective, symbolic and cultural relations evidenced in the party, being able to give visibility to aspects such as traditional knowledge and folia practices that are collective and cooperative forms of social organization. These forms are constructions of the identity of the people and bring an understanding of the recognition of Agroecology, as well as a system of production. Finally, rescue and identify the knowledge, constant evidence in the party through their characters.

**Words-search:** Country Folia, religious popular, Agroecology

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Mapa do percurso pela folia de roça de Planaltina, 2017. ....	23
Figura 2: Alferes Aécio Campos, cantorio de promessa. ....	25
Figura 3: Guias Joaquim de Felipe e Marcos Maciel.....	27
Figura 4: Churrasqueira na mussunga.....	29
Figura 5: Café oferecido na mussunga. ....	29
Figura 6: Instrumentos musicais utilizados pelos foliões. ....	31
Figura 7: Caixa, primeiro instrumento da folia. ....	31
Figura 8: A bandeira.....	32
Figura 9: Símbolos da folia.....	33
Figura 10: Imagem da Pombinha. ....	34
Figura 11: Divisa.....	34
Figura 12: Cruzeiro, com o telegrama. ....	35
Figura 13: Cantorio diante do altar. ....	37
Figura 14: Chegada dos foliões ao pouso. ....	39
Figura 15: Símbolos do Martírio de Cristo utilizados no cruzeiro. ....	39
Figura 16: O altar.....	40
Figura 17: A mesa na hora do Bendito.....	43
Figura 18: Carne de lata.....	45
Figura 19: Cozinha da folia de roça.....	47
Figura 20: A Catira.....	51
Figura 21: Chegada da folia de roça na cidade de Planaltina.....	54
Figura 22: Biscoitos do café da manhã na casa dos Sr. Sousa Lima.....	55
Figura 23: Missa do folião de roça, Igreja Matriz de São Sebastião.....	56
Figura 24: Desalvorada da folia na Igrejinha de São Sebastião.....	57

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	13
2. O Culto ao Espírito Santo .....	19
3. PERSONAGENS .....	24
3.1 Alferes .....	24
3.2 Guia .....	25
3.3 Pouseiro.....	27
3.4 Regente.....	28
3.5 Mussungueiro.....	28
3.7 Tropeiro .....	29
3.8 Músico.....	30
4. SÍMBOLOS.....	32
4.1 A bandeira .....	32
4.2 A pombinha .....	33
4.3 A Imagem de Nossa Senhora de Aparecida .....	33
4.5 Divisa e o lenço.....	34
4.6 O cruzeiro .....	35
5. O RITO .....	36
5.1 Alvorada.....	36
5.2 Os Cantorios.....	37
5.3 Pedida do agasalho .....	37
5.4 Saudação do Cruzeiro .....	39
5.5 O Altar .....	40
5.6 A rezas .....	41
5.7 Bendito de mesa .....	42
5.8 O alimento .....	43
5.9 Promessas .....	47
5.10 Os mistérios que acontecem na folia.....	48
5.11 A Catira .....	49
5.12 A Despedida .....	51
6. O ENCONTRO DAS BANDEIRA .....	53
7. A MISSA DO FOLIÃO DE ROÇA E A DESALVORADA DA FOLIA .....	55
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58

<b>9. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>
<b>10. APÊNDICE .....</b>	<b>62</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Planaltina, uma das regiões administrativas mais antigas do Distrito Federal, foi fundada antes da transferência da capital para o Planalto Central em 19 de Agosto de 1859. Apesar disso, há relatos de que seja mais antiga, por volta de 1790, e que tenha surgido na época das Bandeiras, expedições organizadas e financiadas por Portugal para explorar o interior da Colônia. Nessa época um ferreiro bastante conhecido por sua habilidade em manejar armas em toda região, acabou por fornecer o primeiro nome que foi denominada Vila de Mestre D'Armas. (GOMES, 2009).

No século XVII, a interiorização do Brasil ocorre pelas atividades agropecuárias e mineração. Em 1810, a coroa portuguesa fez doação de terras pela Lei Sesmaria a 200 famílias passando a povoar essa região. Existia nessa localidade uma fazenda pertencente à família Gomes Rabello. Foi construída uma igreja católica em forma de agradecimento a São Sebastião por ter protegido a população de uma epidemia que assolou a região. Sendo assim, a população passa a se desenvolver formando uma pequena vila em volta da igreja, caracterizada pela forte influência cultural, festas e religiosidade (OLIVEIRA, 2013).

Em 1892 o Congresso Nacional aprova a Comissão Exploradora do Planalto Central, constituída pelo presidente Floriano Peixoto, e determina a exploração e delimitação da área destinada para construção da Nova Capital chefiada pelo astrônomo e geólogo Louis Ferdinand Cruls, essa comissão ficou conhecida como Missão Cruls (VERGARA 2010). Em 1922, é implantada a pedra fundamental da nova capital, localizada no morro do centenário em Planaltina, marca o ponto central do país. Em 1955, a Comissão chefiada pelo Marechal José Pessoa delimita definitivamente o quadrilátero do Distrito Federal, abrangendo uma área de 5.814 Km<sup>2</sup>, incluído parte de Planaltina.

A transferência da capital do Brasil para o planalto central ocorre em 21 de abril de 1960, o que proporcionou mudanças significativas no desenvolvimento da cidade de Planaltina e essas mudanças são refletidas no contexto social, político e

cultural. A construção da nova Capital ocasionou um movimento migratório para Planaltina, passando a ser principal porta de entrada para pessoas vindas da região norte e nordeste do país. A cidade começa a crescer através de loteamentos construídos para receber os novos moradores, fazendo com que a cultura o modo de vida da população fosse mudando de acordo com o novo cenário que a transferência da Capital proporcionava. (GOMES, 2009).

A característica interiorana da cidade sofre modificações com a transferência da Capital do Brasil para região, tornando suas tradições muitas vezes insignificantes para os novos moradores. Festas como a do Divino Espírito Santo, a de São Pedro e São João eram tradicionais, porém, o medo de perder a identidade cultural, era evidenciado pelos moradores antigos (MAGALHÃES, 2010, p.203). “A construção de Brasília tinha como objetivo mudar o quadro social, político e econômico predominante no interior do Brasil”, dessa forma, o modo de vida interiorano e as tradições vivenciadas nessa região seriam desprezados com a modernização (SARAIVA, 2006, p.7)

A Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Planaltina, foi tombada como Patrimônio Imaterial do Distrito federal pelo Decreto nº 34.370, de 17 de maio de 2013. Nas folias são evidenciados esses bens de natureza imaterial através do saberes tradicionais que atravessam gerações, sendo passados através do seu rito, da música, da dança, da culinária e etc. O que assegura a continuidade dessa tradição centenária na cidade.

O reconhecimento do patrimônio imaterial foi um processo lento e gradual e no Brasil se efetivou com a Constituição Federal de 1988 e pelo Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, que resgata a antiga preocupação de Mario de Andrade de valorização das diversas manifestações eruditas e populares da sociedade brasileira. O registro instituído através do Decreto foi a forma encontrada para a valorização e o compromisso do Estado em documentar e produzir conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial (PEDRO;DIAS, 2008 , p. 45 ).

A cultura popular pode ser evidenciada nas manifestações religiosas como as Festa do Divino Espírito Santo, Folias de Reis, Festas dos santos padroeiros das

Igrejas Católicas, danças tradicionais e etc, que perfazem desde a formação do primeiro povoado que deu origem a cidade. Nessas festas surgem “espaços para aprendizagens e o tecer de saberes e fazeres, que permite ao homem criar e recriar sua própria realidade, suas práticas sociais, transmitindo-as as novas gerações” (ANDRADE, 2013, p. 28).

Neste trabalho observamos a importância das relações sociais, afetivas, culturais e simbólicas que ocorrem na festa do Divino. Dessa forma a Agroecologia como prática, ciência e movimento possibilita o olhar interdisciplinar em nosso campo de estudo. A ABA (A Associação Brasileira de Agroecologia) define Agroecologia como: “Ciência, movimento político e prática social, portadora de um enfoque científico, teórico, prático e metodológico que articula diferentes áreas do conhecimento de forma transdisciplinar e sistêmica” . A folia se configura no campo das redes de sociabilidade que se tecem para a preparação e organização social da folia. Podemos dar visibilidade a aspectos como os saberes e práticas tradicionais da folia que são formas coletivas e cooperativas de organização social. Essas formas são construções da identidade do povo e traz a compreensão do reconhecimento da Agroecologia, para além de um sistema de produção. A Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura (CAPORAL, 2009).

É interessante notar que o termo Agroecologia consta hoje nos dicionários da língua portuguesa, definido pelo viés etimológico, ou seja, a ecologia dos sistemas agrícolas (agro + ecologia). Pela definição etimológica, a Agroecologia se refere especificamente ao meio natural inerente a toda e qualquer forma de produção agrícola, seja ela convencional ou “alternativa”. A essa definição etimológica contrapomos outra, de caráter humano: a Agroecologia como área de conhecimento social e culturalmente construída. Nesse sentido, o (re)nascimento da Agroecologia vem como resposta a situações objetivas e interesses convergentes hoje na sociedade (EMBRAPA, 2006, p. 22).

Essa pesquisa se enquadra nesse novo paradigma de ciências por encontrar-se presente no processo de construção social através do reconhecimento do sujeito como ser social através de seu conhecimento empírico, do conhecimento transmitido de forma oral o que muitas vezes são desprezados pelas ciências

Assim, encontrei motivação pessoal para desenvolver a pesquisa nesta área de conhecimento, pois essa tradição está presente na história da minha família no interior de Minas Gerais. Falar de folia, dos cantorios, da devoção ao Divino Espírito Santo é vivenciar algo que fez parte da vida dos meus antepassados e possibilitar construir a minha história.

Conhecia e participava da folia de roça do norte de Minas e Goiás por tradição da minha família e principalmente o meu avô que foi um grande guia de folia. Admirava a fé e devoção que ele tinha ao Divino Espírito Santo, todo o zelo, carinho e respeito com que ele demonstrava. Ora, também observava os conhecimentos tradicionais, a infinidades de saberes evidenciado entre os participantes, como os cantorios, como tocar, as danças, os biscoitos, as forma com que eram feita os alimentos e todo o simbolismo presente no rito da folia.

Os cantorios cantados pelos foliões, as rezas, os banquetes oferecidos aos convidados, sempre foram bem característicos das folias. A forma com que são feitas a comida, como por exemplo, cozinhar a carne e conservá-la emersa na gordura, os biscoitos para os cafés, como a peta, o pão de queijo e biscoito de casquinha que eram tradicionais. E isso fazia perceber o quão importante é resguardar todos esses saberes, sendo a construção da identidade daquele grupo. Com o passar do tempo as pessoas passaram a vender suas fazendas e se mudar para cidade em busca de emprego e as facilidades que muitas vezes no interior não tem, como transporte, energia elétrica, hospital, dessa forma surge a inquietação da permanência dessa tradição das folias.

Segundo TEIXEIRA, 2011 a cultura foi transformada no tempo e no espaço e está ligada a história particular de cada família, grupo ou indivíduo. Sendo um processo natural, pois vai sendo moldada através dos meios econômicos, políticos e sociais. Dessa forma, as tradições evidências das na festa do Divino Espírito Santo, também foram sendo moldadas de acordo com as transformações ocorridas na

sociedade. E essa manifestação cultural foi reconstruída através de atores que constituíram na no formato observado atualmente, o que caracteriza a identidade desse grupo.

Nesse sentido, essa pesquisa se desdobrou durante os preparativos para a festa do Divino de Planaltina-DF, se intensificando durante os dias do giro da folia, tendo em vista sua importância como manifestação cultural religiosa. Tendo como objetivo resgatar e identificar o funcionamento da folia, a organização da mais importante festa da cidade e a importância dos saberes tradicionais evidenciados entre as pessoas que tradicionalmente participam da Folia do Divino Espírito Santo, da cidade de Planaltina, DF. O trabalho se desenvolve através do método de pesquisa qualitativa baseada na pesquisa etnográfica, como a observação e entrevistas. A pesquisa etnográfica pode ser entendida como o estudo realizado em um grupo ou povo (SILVEIRA et al., 2009).

A pesquisa foi realizada durante o giro da folia dos anos de 2016 e 2017, tornando possível vivenciar o ritual e momentos dos participantes na Festa, identificando os saberes tradicionais passados de geração em geração como as receitas, cantorias e histórias relatadas pelos entrevistados como importante registro histórico de um povo. Esse tipo de pesquisa possibilita “reconstruir processos históricos por meio de expressões particularizada da forma como foram vivenciados por determinadas pessoas que cultivam as tradições ancestrais”, muitas das vezes baseadas na oralidade somente (ABDALA, 2011, p.127 ).

Foi elaborado um roteiro semi estruturado de entrevista aos atores que são peças fundamentais na realização da festa. (entrevista no apêndice ). Além disso, foi realizado o registro fotográfico, a utilização de um caderno para anotações de campo e gravador de voz para que fosse possível o registro de maiores detalhes dos acontecimentos.

Realizou-se também a delimitação do espaço físico onde seria realizada a pesquisa, sendo esse o cenário histórico e geográfico delimitado na cidade de Planaltina, DF. E o período de execução foi entre os anos 2016-2017, que corresponde ao tempo de preparativos para a realização da Folia.

É interessante registrar que, apesar de parecerem, tem o mesmo significado as palavras Festa do Divino e Folia do Divino, faremos a seguinte distinção, ao

utilizar a palavra Festa estaremos nos referindo ao acontecimento que se comemora em Pentecostes, que é o culto ao Espírito Santo que chega ao Brasil através da colonização portuguesa. Já a palavra Folia, trataremos como a questão ritualística e simbólica que acontece durante o giro.

## 2. O Culto ao Espírito Santo

“1 Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. 2 De repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam. 3 Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. 4 Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava. 5 Moravam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações do mundo. 6 Quando ouviram o barulho, juntou-se a multidão, e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falar em sua própria língua. 7 Cheios de espanto e admiração, diziam: “Esses homens que estão falando não são todos galileus? 8 Como é que nós os escutamos na nossa própria língua? 9 Nós, que somos partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, 10 da Frígia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia próxima de Cirene, também romanos que aqui residem; 11 judeus e prosélitos, cretenses e árabes, todos nós os escutamos anunciarem as maravilhas de Deus em nossa própria língua!”  
( BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, At 2,1-11).

A Festa do Divino Espírito Santo celebrada no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a páscoa, relembra-se a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, reunidos no Cenáculo em Jerusalém. É uma manifestação religiosa do catolicismo que se disseminou na Europa durante a idade média. Alguns autores afirmam que a Festa foi instituída pela Rainha Isabel de Aragão, esposa do rei de Portugal, D. Diniz. A rainha teria oferecido ao Espírito Santo o cetro e as coroas reais diante da terrível crise em que o país estava passando. Retirou-se em um convento retornando após Portugal ter superado a crise. Em agradecimento pela graça alcançada promoveu uma festa acompanhada pela distribuição de alimento aos pobres que se tornou tradição (MARIANO, 2009 ). De acordo com SILVA, (2001), havia outras irmandades do Espírito Santo na França anteriormente a Portugal, mas que adquiriu características peculiares influenciadas pelos franciscanos.

A Festa do Divino Espírito Santo constitui-se uma secular tradição religiosa, originária de Portugal, que se difunde em diferentes regiões brasileiras, como em Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Santa Catarina, adquirindo em seu formato características regionais, como culinária e danças que fazem parte da festa. Ora também, incorporaram os costumes do povo brasileiro, no interior do país, adquirindo os costumes tradicionais do homem do campo (CARVALHO, 2008).

As Festas religiosas populares como toda manifestação das culturas populares, brasileiras são produções historicamente construídas, oriundas de um saber coletivo, podendo ser compreendida como um saber-fazer que ultrapassa o campo da devoção. A festa para além da religião apresenta um contexto propício à educação popular e de criação de identidade coletiva, de saberes e fazeres plenos de sentidos e significados transmitidos de geração a geração. O homem como sujeito histórico engendra e tece o seu estar no mundo na relação uns com os outros, transmitindo suas práticas sociais às novas gerações (ANDRADE, 2013, p. 28).

A religiosidade popular são expressões culturais, tais como festa do santo de devoção, procissões e rezas que parte do povo, não segue o rito e a hierarquia da igreja. (NASCIMENTO, 2009). As festas de religiosidade popular trazem elementos de cultos pagãos e rituais de tempos antigos. Essas celebrações eram feitas em agradecimento pela boa colheita, pela proteção contra catástrofes naturais, além disso, era momento de interações sociais, elemento presente na festa do Divino da cidade de Planaltina. A Festa do Espírito Santo trás elementos que coincidi com esses cultos antigos, incluindo a Festa das Primícias, conhecida também como festa da colheita das semanas e em hebraico “shavuot” ( MARIANO,2009).

O Padre Paulo Renato, pároco da igreja Matriz de São Sebastião de Planaltina, em entrevista concedida nos fala dessas raízes da festa de Pentecoste no antigo testamento enfatizando como a partilha, o agradecimento ao alimento, a socialização. É a festa da unidade, onde são ofertados cafés, almoços, jantares o ato de doar e da esmola sendo essas características observadas nas antigas tradições. Também são arrecadados alimentos para doação a famílias necessitadas, sendo a caridade ou o ato de dar esmolas aos mais necessitados,

evidenciado desde os primeiros cultos ao Espírito Santo na Europa. Além disso, o caráter popular abrange não só aos católicos, pessoas de outras crenças acabam participando desse momento, por outros motivos como: contribuição de serviço voluntário, por gostar desta tradição, pelo momento de socialização e etc.

Na época da festa intensificam-se as trocas sociais e simbólicas entre a comunidade (ricos e pobres, homens e mulheres, vizinhos, compadres, parentes, amigos, etc.) (GONÇALVES, 2008). Neste sentido, percebe-se que esse universo criado na folia do Divino proporciona uma nova recolocação de posições, diferente da vivenciada no cotidiano, todos se tornam cooperadores e é esse o verdadeiro sentido de comunhão que a festa traz. Não tem posição social e muito menos profissão, a hierarquia é feita dentro do grupo dos foliões e é ela que deve ser respeitada em todo giro de folia. Sobre ação do Espírito Santo os foliões levam a evangelização em cada visita em cada pouso.

De acordo com Sousa, (2015) a Folia de roça de Planaltina foi trazida pelo fazendeiro José Alberto de Sousa e sua Esposa Ana Perpetua Gomes de Sousa casal vindo de Portugal adquiriu as terras da fazenda Paranoá, antiga Paranaguá. No ano 1848 foi realizada a primeira Folia em Planaltina, sendo realizadas por muitos anos, seguindo as tradições das primeiras famílias.

Embora tenha havido interrupções na sua realização, por volta dos anos 70 e 80 a folia volta a ser organizada pelos moradores de Planaltina se tornando uma grande festa com o encontro entre as folias da cidade. O Sr. Souza Lima, um dos grandes nomes da tradição da folia de roça de Planaltina, conta que através da realização de uma gincana, alguns estudantes começaram a pesquisar sobre as tradições da cidade, entre elas a folia, a partir de então eles procuraram as pessoas que sabiam fazer alguma coisa na folia como tocar viola, fazer um cantório. Dessa forma, foram se reunindo para realizar os primeiro giros de folia na cidade, e que no ano de 1986 a folia passa a girar na área rural. O Sr. Souza Lima foi umas das pessoas que lutou para que essa importante continuidade dessa manifestação religiosa, que sempre foi uma tradição na cidade. Apesar de ter vindo de uma região onde não aconteciam folias, na Bahia, percebe a importância de se resgatar e preservá-la.

Atualmente a Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Planaltina envolve todas as paróquias, acontecendo tanto na área rural como na área urbana. A igreja tem como papel realizar as celebrações das missas que acontecem todas as manhãs em cada pouso da folia, ou seja, a parte litúrgica inserida na festa, além disso, prepara o encontro entre as folias da cidade e a folia de roça, além disso, celebrar a tradicional missa do folião de roça que acontece no domingo de Pentecostes.

No entanto, neste trabalho focaremos a pesquisa na folia de roça, devido à grandiosidade de detalhes e complexidades que a cerca essa festa. Ao observar que a festa possui caráter cíclico, procuramos começar a pesquisa de campo a partir do início de um novo ciclo. Esse novo ciclo se inicia com a passagem da bandeira para os novos Alferes.

Ciclos esses que eterniza em seu ritual, com momentos bem definidos que se repetem a cada ano. É uma repetição permanente, indefinida, pois ultrapassa a lógica humana pela infinitude do sagrado. E os homens e mulheres, quer velhos, quer adultos, adolescentes, crianças conseguem, através dos diferentes momentos do ritual, ultrapassarem o tempo de suas vidas comuns (CARVALHO, 2008, p.12).

O giro da folia de roça chegando a percorrer mais de 120 km da cidade de Planaltina, partindo do município de Água fria, GO. Em 2017, foram realizados 6 pousos de folia, além da Alvorada, os foliões se deslocavam entre uma fazenda e outra a cavalo, de carro ou até mesmo a pé. Chegando a ter mais de 100 cavaleiros durante o giro.

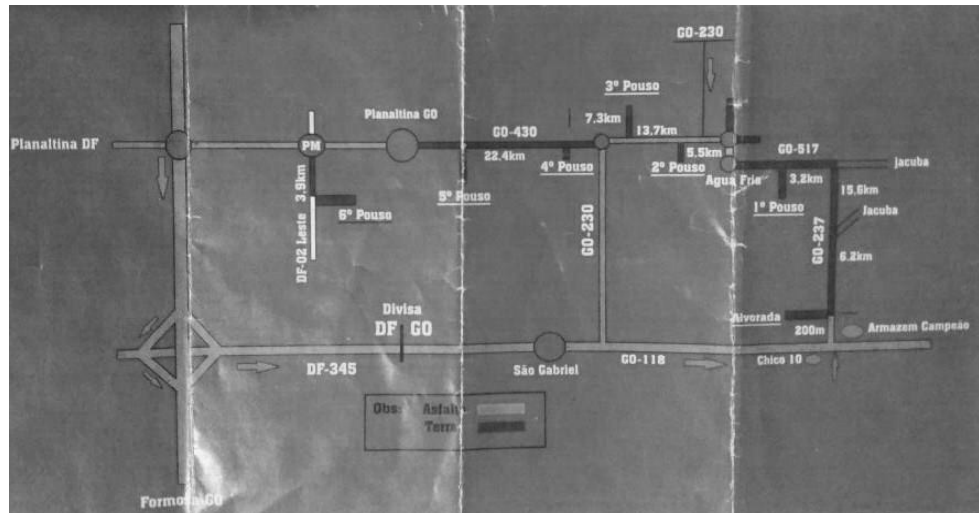


Figura 1: Mapa do percurso pela folia de roça de Planaltina, 2017.

### **3. PERSONAGENS**

Para entender o enredo da Folia do Divino Espírito Santo, faz se necessário identificar alguns personagens que trazem os saberes e tradições, fazendo com que o rito aconteça, dessa forma foi possível nomear os personagens principais, definindo as funções exercidas durante o giro de Folia.

#### **3.1 Alferes**

São os foliões que vão à frente do grupo carregando a bandeira, eles passarão nas casas dos devotos levando a bandeira diante do altar e segurando-as durante os cantórios. A escolha do Alferes é feita por indicação do grupo de foliões, muitas vezes ocorre anos antes da festa. A pessoa escolhida é alguém conhecido pelo grupo e que demonstra interesse para exercer essa função e apresenta respeito e devoção ao Divino Espírito Santo. Os preparativos começam a partir do momento que são escolhidos, se organizam para arrecadar doações, para pedir os pousos para o giro de folia, enfim toda a parte logística da folia.



Figura 2: Alferes Aécio Campos, cantorio de promessa.

### 3.2 Guia

O guia é escolhido pelo Alferes, pelo conhecimento e competência que ele possui em estar á frente de toda parte ritualística da folia. É o folião principal e é ele quem fará a escolha de toda a companhia de foliões. O guia de folia Marcos Maciel afirma que é papel do guia alvora a folia, distribuir as funções para cada folião, escolhendo quem vai cantar os cantorios, a catira, quem será o regente, o mussungueiro. Todas as instruções e regras do giro são passadas antes da alvorada para que todos os foliões tenham conhecimento de suas obrigações nos dias de giro e só dorme após todas as atividades encerradas.

O Guia é responsável pelos cantorios da folia, além de cantar também toca a viola. De acordo com os guias entrevistados recebem inspiração Divina para essa função, pois grande parte dos cantorios são como repentes, surgem no momento e de acordo com a situação. É uma função que exige muito de seus executores, pois tem cantorios que são mais de hora cantadas.

*“Fiz uma saudação do cruzeiro de 42 min, e depois que terminou não lembrava de nada que tinha cantado. Os cantorios surgem por inspiração do Espírito Santo, é o agir de Deus”*

Diogo Almeida Leite,19.

Na folia foi possível conhecer guias de variadas idades, além da presença feminina visto que antigamente ocupava se somente das tarefas nas cozinhas, na ornamentação das casas, montagem do altar e atualmente vem assumindo papéis importantes. Ora também nos tempos antigos, giravam apenas doze homens que representava os doze apóstolos, as regras eram bem rígidas, Sr. Joaquim de Filipe relata que os foliões mais velhos não deixavam os jovens tocar, dançar a Catira, havia a proibição do folião de namorar, havendo punição para quem as desrespeitassem. Durante a pesquisa observamos a participação presença dos jovens guias fortalece a tradição, pois garante a continuidade da mesma.

O Sr. Joaquim de Felipe, guia da folia de Planaltina a mais de 25 anos, nos conta que quando começou a guiar folia foi um grande desafio, pois era muito jovem e tinha conhecimento da importância dessa função na folia. Por algumas vezes guias mais antigos lhes confiara essa missão, mas tinha medo, dizia não saber o que fazer quando chegasse o momento de cantar. A folia de Planaltina era a maior da redondeza e Sr. Joaquim, foi indicado pelos foliões, que apesar do medo acabou assumindo a frente da folia como o guia principal.



Figura 3: Guias Joaquim de Felipe e Marcos Maciel.

### 3.3 Pouseiro

A escolha dos pouseiros é feita a partir dos Alferes, são pessoas mais próximas, ou pessoas que precisam cumprir alguma promessa. Os pouseiros são as pessoas que recebem em suas propriedades os foliões e pessoas que acompanham o giro da folia. Existe ainda a possibilidade de se fazer uma espécie de empréstimo isso ocorre quando a família quer dar o pouso mais não possui uma propriedade, nesse caso, algum proprietário cede sua fazenda para a família que quer dar o pouso, mas não tem fazenda.

Em cada pouso é possível perceber a quantidade de tarefas que devem ser realizadas para que a Folia possa ser acolhida na propriedade, que vai desde a preparação de pastos para os cavalos, e espaço para o acampamento das mussungas, como para a preparação de alimentos para os participantes da folia. Sendo importante destacar a prestação de serviços voluntários em todas as atividades, envolvendo a participação de toda a família, tios, sobrinhos, avós além de amigos e vizinhos (GONCALVES, 2008).

No terceiro pouso de folia onde estivemos, Ana Amélia conta que mantém a tradição da devoção ao Divino Espírito Santo, transmitida por gerações na família.

Tetraneta dos precursores da Folia na região, oferece o 16º pouso no ano de 2017 na propriedade da família apesar dos desafios o medo da comida não dar para a quantidade de pessoas, o local para as pessoas ficar.

“Tudo que a gente faz para Deus sempre dá certo e superamos os percalços durante esse período. As vezes não sai como a gente quer, mas do jeito que o Divino quer”

Ana Amélia Melo de Oliveira Santos, 33.

Ao acompanhar o giro ou parte dele é possível vivenciar um pouco do que essas pessoas vivenciam, seguimos a jornada por algum deles desde o primeiro dia que foi a Alvorada até o último dia, sendo o dia da desalvorada ou entrega da folia. Participar do giro é enfrentar alguns desafios como o de dormir em barracas, às vezes tomar banho em rios, privar-se do conforto da vida moderna que antigamente não tinha. No entanto, para o Sr. Aécio antigamente era mais simples, todos giravam a cavalo dormiam debaixo das árvores usavam a cela como travesseiro e se cobriam com o baixeiro. Hoje em dia o progresso trouxe luz elétrica para as fazendas, as estradas foram melhoradas, vai muita gente de carro e está muito sofisticado.

### **3.4 Regente**

O regente realiza o papel de organização dos foliões durante todos os dias que acontece a Folia. Ele vai organizar a fila na hora do café, almoço e jantar para que todos respeitem a ordem de quem deve ir à frente. Aplica multa para quem estiver descumprindo regras, como por exemplo, comer com o chapéu na cabeça.

### **3.5 Mussungueiro**

O Mussungueiro, escolhido pelo Guia da folia prepara o local para os foliões de frente ficar durante o pouso, em algumas situações ele fica responsável por transportar alguns objetos dos foliões. Além disso, prepara um café, chá, durante todos os dias de giro.



Figura 4: Churrasqueira na mussunga.



Figura 5: Café oferecido na mussunga.

### 3.7 Tropeiro

São responsáveis pelas tropas dos foliões de frente, cuidando dos animais e preparando para o descanso e para quando forem montados. Essa função se faz necessária devido ao grande trabalho que os foliões de frente possuem nas Folias, às vezes o tempo fica curto para tantas atividades a serem cumpridas. Nesta Folia há pelo menos um grupo com 18 tropeiros.

### 3.8 Músico

Os músicos são parte importante na folia, fazendo todos os Cantorios e Rezas durante o giro. Grande maioria deles não possui formação musical, aprenderam com seus pais, tios, primos, avós, um conhecimento que foi transmitido pela oralidade na tradição. Mesmo não sendo institucionalizados, ambientes informais também contribuem para o processo de aprendizado, acontece de forma coletiva e prática, nem sempre intencional (CUNHA, 2016 p. 25).

O Sr. Domingos Neto Dourados, único rabequeiro da Folia, percorre uma distancia de mais de 300 Km de Monte Alegre a Planaltina, a 9 anos para participar da folia. Filho de folião e aprendera tocar quando criança quando seu irmão construiu uma viola de lata. Acabou desenvolvendo habilidade para outros instrumentos utilizados na Folia como o pandeiro, a caixa e o reco. A rabeca é um instrumento de três cordas semelhante ao violino, mas apresenta mais baixo “ tem uma sonoridade roufenha, melancólica. Nos agudos é estridente ”( MELLO,2006 p.61)

Diferente da grande maioria dos foliões músicos Marcos Maciel, violeiro e um dos Guias da Folia é formado na Escola de Música de Brasília e atua como professor de viola caipira. Antes da formação foi autodidata, aprendeu observando o pai, escutando música, quando girou a folia pela primeira vez já sabia tocar vários instrumentos como o pandeiro e o violão.

Os instrumentos musicais utilizados na Folia são a viola, o violão, a caixa, o pandeiro, a rabeca ou o violino e a sanfona em alguns momentos. O reco-reco, por exemplo, são instrumentos de percussão, o reco-reco produz som de rapa, causado pelo atrito de uma espécie de arco, comumente feito de bambu ou um simples pedaço de madeira com sulcos transversais, em que se atrita uma vareta com uma espécie de mola (ANDRADE; CAMARA p. 61). A Caixa é primeiro Instrumento da folia, quando o caixeiro bateu a caixa é chamado para alguma coisa. Acorda todos os foliões na matina, quando o sol está nascendo ele indicando que o divino está presente e que está na hora de se preparar para mais um dia de giro. Fato engraçado é que nas folias existe um costume de dizer que todo o caixeiro é feio, se é verdade ou não só os conhecendo para falar, mas a verdade é que ele é sempre o primeiro.



Figura 6: Instrumentos musicais utilizados pelos foliões.



Figura 7: Caixa, primeiro instrumento da folia.

## 4. SÍMBOLOS

### 4.1 A bandeira

A bandeira segue a frente dos foliões carregada pelo Alferes. Os devotos se inclinam para saudar a bandeira, assim como os foliões ocorrendo grande demonstração de fé e respeito. A bandeira é devoção ao Divino Espírito Santo e se constitui num dos símbolos mais significativos da festa do Divino. De cor vermelha, centralizada na bandeira é estampada a figura da pomba. São coladas tirinhas de fitas coloridas simbolizando os 7 dons do Espírito Santo, além disso, as fotos que os devotos pregam na bandeira em agradecimento ou pedido por alguma graça (TEIXEIRA, 2013).



Figura 8: A bandeira

## 4.2 A pombinha

A Pombinha tem significado especial para os católicos representando a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Nas festas em louvor ao Espírito Santo é um dos maiores símbolos, pois a imagem da pomba representa a divindade a qual prestam o culto. Os foliões carregam a imagem durante todo o giro, a cada local que passam há demonstração de fé e devoção a imagem. Nas casas onde recebem o Divino tem sempre um local preparado especialmente para se colocar a imagem.

O guia Joaquim de Felipe nos conta que a imagem da pomba passou a fazer parte da folia de roça, a partir de uma promessa feita por um jovem, na qual consistia em carregar a imagem durante o giro. Dessa forma a pombinha se torna um dos símbolos da folia de roça de Planaltina, DF.

## 4.3 A Imagem de Nossa Senhora de Aparecida

Antigamente era levada somente a imagem de Divino Espírito Santo, depois que Nossa Senhora da Conceição Aparecida passou a ser considerada a padroeira da Folia do Divino Espírito Santo, José Simão da Silva e sua irmã Maria Helena fez doação de uma imagem da santa à Folia de roça, sendo assim a imagem passou a ser um símbolo utilizado no giro desde 1985 (ANDRADE; CAMARA, 2009, p. 55).



Figura 9: Símbolos da folia



Figura 10: Imagem da Pombinha.

#### 4.5 Divisa e o lenço

As divisas são pequenos laços feitos com fitas coloridas, que identifica os foliões de frente. É presa com um alfinete na roupa do folião e utilizada durante todo o giro. O lenço também caracteriza o folião de roça, é vermelho com a estampa do Divino Espírito Santo e nome dos Alferes.



Figura 11: Divisa

#### 4.6 O cruzeiro

É posto uma cruz, que é um dos símbolos do cristianismo de frente para a casa e apontado para o altar que normalmente se localiza no interior das residências. De acordo com os entrevistados representa o martírio de Jesus, seu nascimento vida e morte. Fato interessante é a existência de uma linha conhecida como telegrama, que liga o cruzeiro ao altar. Seguindo, o cruzeiro é acompanhado do ruamento, uma espécie de corredor feito com algum tipo de estaca de planta como o bambu.



Figura 12: Cruzeiro, com o telegrama.

## 5. O RITO

A passagem da bandeira é feita durante a missa do folião de roça que acontece no domingo de Pentecostes, último dia da festa. Após o tradicional café na casa do Sr. Souza Lima, já na área urbana da cidade de Planaltina, os foliões se dirigem para a Igreja Matriz de São Sebastião. A igreja é ornamentada no representativo tom vermelho, bandeirolas na praça e fieis a espera da entrada dos foliões de roça, dos Alferes e todos que se dedicaram a trabalhar para realização da festa. Se finda um ciclo e começa outro, e é nesse novo ciclo que acompanhamos alguns acontecimentos dessa manifestação religiosa e popular da cidade de Planaltina.

Durante o ano inclui-se na preparação da festa a realização de novenas mensais, onde os devotos reuniam para fazer orações e cantórios nas casa de moradores da cidade. Além disso, acontece semanalmente o giro orante realizado semanalmente, onde a bandeira é levada na casa dos devotos que se disponibiliza a recebê-la.

### 5.1 Alvorada

A Alvorada dá início aos dias que se seguem a Folia, acontece o reencontro entre foliões, amigos, companheiros de mais uma jornada. Alguns desses homens e mulheres se veem de ano em ano, outros tem encontros mais rotineiros, por participarem de outras Folias. É um momento de alegria de matar a saudades de antigos companheiros e contar histórias. Cada um vai reservando um espaço na fazenda para armar a sua tenda ou barraca. Familiares e amigos ficam bem próximos formando suas Mussungas e assim o acampamento vai se estendendo.

Na Alvorada da folia de roça, de 2017, o Guia Joaquim de Felipe faz uma reunião para passar as instruções que os foliões devem seguir durante o giro de Folia. Logo após, ocorre à entrega do lenço e da divisa que de acordo com os foliões são símbolos das obrigações e deveres de cada um deles, além disso, recebem um crachá que identifica a função durante o giro.

## 5.2 Os Cantorios

Para Tremura, ( 2005, p.4), “Os cantorios são marcantes nas folias,os versos das toadas articulam as aspirações pessoais e interpretam a visão do mundo aos olhos de seus participantes”. De acordo com Viana, (2013) as narrativas presentes em alguns cantorio têm sua fundamentação em passagens bíblicas, podemos citar como exemplo o cantorio do cruzeiro, onde se canta a vida e a paixão de Cristo. Além disso, seguem uma tradição sequencial no rito como cantorio da chegada e pedida do agasalho saudação do cruzeiro, saudação do altar, cantorios de promessas, Bendito da mesa. Dessa forma podemos entender que “O intuito central do giro da folia é propagar e celebrar estes acontecimentos e, nestes termos, é percebido por muitos foliões como uma evangelização”( VIANA; RIOS, 2013,p. 1)



Figura 13: Cantorio diante do altar.

## 5.3 Pedida do agasalho

A pedida do agasalho é um dos primeiro cantorios feito pelos foliões ao chegarem ao pouso. É feito para pedir o pouso aos foliões para os donos da casa, durante a noite e parte do dia seguinte. O guia Joaquim de Felipe conta que antigamente esse cantorio era feito nas folias, após a janta, depois que todos já

estavam instalados. Cantava-se na porta da casa que dá acesso a cozinha da casa conhecida como a porta da ciência. Depois de uma reflexão realizou uma mudança na sequência dos cantórios, trazendo o cantório de pedido de agasalho para o momento de chegada dos foliões no pouso. Para o guia dessa forma faria mais sentido, pois é no momento de chegada que os donos da casa receberão com a aceitação ou não dos foliões em sua propriedade. Apesar das críticas dos foliões antigos na época, tempos depois essa mudança já estava sendo feita em outras folias.

#### Trechos dos cantórios de pedido de agasalho

Senhores donos da casa vem chegando nossa Folia (2x)

Vem beijar nossa bandeira e assistir nossa Folia (2x)

Instrumental:

Na frente dessa Alvorada tão sagrada foi a hora (2 x)

Que o Divino fez a chegada junto com Nossa Senhor ( 2x)

(Letra de Joaquim de Felipe )

#### Música de chegada

O Divino está chegando trazendo paz e união. (2x)

Vamos cantar, vamos dar as mãos, fraternidade sim violência não. (2x)

Chegando a casa de Deus, nossa casa de oração. (2x)

Orai pelo filho, orai pelo irmão, fraternidade sim, violência não. (2x)

Vamos agradecer ao Pai, ele é a nossa salvação. ( 2x)

Pela nossa paz, pelo nosso pão, fraternidade sim, violência não. (2x)

O Divino Espírito Santo, pedimos a sua proteção. (2x)

Olhai o nosso povo, pois somos irmão, fraternidade sim, violência não. (2x)

(Letra de Erasmo de Castro )



Figura 14: Chegada dos foliões ao pouso.

#### 5.4 Saudação do Cruzeiro

O cantório feito no cruzeiro é narrado a trajetória da vida de Cristo durante sua passagem pelo mundo, do batismo até a ressurreição. Os jovens guias Thesley e Diogo, lembra que esse cantório representa o martírio de Jesus, nascimento vida e morte. Ressaltando que o folião deve ter conhecimento Bíblico, pois nela está toda narrativa da vida de Cristo, sendo ela sua inspiração.



Figura 15: Símbolos do Martírio de Cristo utilizados no cruzeiro.

## 5.5 O Altar

O altar é feito com todos os tipos adornos desejado pelos donos da casa, alguns mais simples, outros bem mais pomposos, trazem a mensagem do sagrado. Há sempre um lugar reservado para os símbolos que acompanham o giro de folia, a pomba, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, e a bandeira, além disso, outras imagens de santos de devoção.

No cantório de saudação do altar benze o corpo traçando sobre si o sinal da cruz, na sequência canta a criação do mundo, saúdam as imagens presente no altar e aos donos da casa.



Figura 16: O altar.

## 5.6 A rezas

As rezas são feitas após a saudação do altar, dentre elas estão a Ladainha, o ato de contrição, o salve rainha e o bendito de beijar. Observa-se a participação das mulheres, como Dona Rosalina Gomes e Mariza Almeida, nessa parte do rito diferente dos cantorios que são realizados especificamente por homens. Dona Rosalina Gomes de Castro, 65 relata que as mulheres não podiam girar a folia, não cantavam e nem dançavam a Catira. Sr. Aécio da Silva Campos, alferes da folia, em 2017, conta que antigamente o giro de folia era realizado especificamente por homens, assim como os cantorios, as rezas e as danças. A partir da promessa feita por uma senhora que pediu licença aos foliões para acompanhar o giro de folia, os foliões começaram a rever essa questão. Atualmente as mulheres acompanham o giro, cantam as rezas e participam das danças, para Dona Mariza a mulher ajuda a interceder na folia, ajuda a família que participa, abrilhanta a festa.

As rezas são feitas sem acompanhamento de instrumentos, as Ladainhas são cantadas em Latim. Buscando entender o motivo de se cantar em Latim encontramos na tradição católica a celebração das missas e orações em Latim e que após o Concílio Vaticano II, as igrejas passam a utilizar da língua local para o rito e orações. Pela tradição oral, as Ladainhas cantadas na folia permaneceram sendo feitas em Latim, sendo passada aos mais novos pelas antigas rezadeiras.

Trecho da Ladainha de Nossa Senhora

Kyrie, eleison.

Christe, eleison.

Kyrie, eleison

Christe, audi nos.

Christe, exaudi nos.

Pater de Caelis Deus, miserere nobis

Fili, Redemptormunndi, Deus, miserere nobis

Spiritus Sancte Deus, miserere nobis

SanctaTrinitas, unus Deus, miserere nobis

Sancta Maria, ora pro nobis

Sancta Dei Genitrix, ora pro nobis

Sancta Virgo virginum, ora pro nobis

### **5.7 Bendito de mesa**

O cantório do Bendito de mesa é feito para agradecer aos donos da casa, aos pouseiros o alimento oferecido, sendo cantado após as refeições, jantar e almoço. Assim como em praticamente todas as etapas do rito verifica-se a utilização de simbolismo, enquanto se faz o cantório, coloca um prato com algum alimento com três garfos, e de acordo com o guia de folia Marcos Maciel significa as três pessoas da santíssima trindade, são as testemunhas daquele acontecimento.

Bendito de Mesa

Bendito e Louvado seja

As três palavras de Deus

Pai, filho, Espírito Santo

Seja Pelo amor de Deus

Divino Espírito Santo

E o santíssimo Sacramento

É o nosso Pai quem nos cria

Quem nos dá o alimento

( letra de Marcos Maciel )



Figura 17: A mesa na hora do Bendito

## 5.8 O alimento

A oferta do alimento é um dos pontos fortes na Folia, pois está ligada ao sentido da Festa, desde os primeiros cultos ao Espírito Santo, das doações alimento aos pobres feitas pela Rainha Izabel em agradecimento as graças recebidas. “A cozinha acaba propiciando apreensão de valores, de modos de vida, de significados simbólicos, como também da construção de identidades”. Esse fato pode ser observado no modo de fazer das receitas, na utilização de pratos da culinária regional, feitos de maneira tradicional (ABDALA, 2012, p. 133).

As refeições servidas durante as folias têm um cardápio característico, sendo arroz, o feijão, feijão tropeiro, macarrão, gueiroba, carne de lata etc. Assim como os Alferes, cada pouseiro monta sua equipe de cozinha, alguns cozinheiros acabam trabalhando em mais de um local.

Dona Felipa faz parte da equipe de cozinha, a 15 anos, na fazenda do terceiro pouso de 2017, uma das quais realizamos a pesquisa a campo. Conta com uma

equipe de 10 pessoas, que prestam serviço voluntário, que são feitos, muitas vezes, em forma de agradecimento pelas graças recebidas.

*“a gente deve muita coisa a ele trabalha para receber a graça do Divino. A gente precisa dele, pedindo pra ele dá benção para a saúde da gente ele dá”.*

Dona Felipa Correia da Silva, 68

Moradora do Córrego Rico, GO também dá pousos de folia em sua propriedade, mas em outra folia que percorre a região. Dona Felipa prepara os biscoitos para os cafés oferecidos aos foliões e convidados. São feitos biscoitos como pão de queijo, biscoito de queijo, peta, bolo, biscoito fermentado, bolacha e as receitas são sem medidas, feitas de cabeça e prefere fazê-los ao invés de comprar de outras pessoas, pois não ficam da forma que ela quer. Aprende com outras pessoas e vai passando adiante e adequando a seu modo. Além disso, prepara doces de mamão, doce mamão cortados, doce de leite, doce de abobora “eu faço meus doces. Eu não encomendo, gosto mesmo de fazer os meus, tenho minhas filhas, parentes, amigas de Planaltina, que ajuda “.

O contexto atual da globalização tende cada vez mais a homogeneizar o conhecimento, padronizando os processos e a produção. Como exemplo, observa-se o desaparecimento de práticas tradicionais (artesaniais) como a utilização de métodos de conservação dos alimentos através da salga, da defumação, da desidratação pelo sol ou fumaça (moquém), da imersão em gordura, entre outras que são próprias de determinados grupos em locais específicos, em favor a métodos mais globalizados como o congelamento (MULLER, AMARAL, 2012, p.6).

Para o almoço da folia de roça realizado no domingo de Pentecostes, uma grande equipe formada por voluntários se reúne todos os dias durante a semana da festa na casa Sr. Aécio e dona Ivalda os Alferes da folia, 2017. Enquanto os foliões

estão na área rural fazendo o giro nas fazendas, esse grupo se organiza para preparar o último almoço da folia.

Os trabalhos na cozinha começam às 7 horas, sendo servido café da manhã para a equipe, onde a cada dia da semana uma família fica responsável para prepará-lo. São doações de todos os tipos de serviços e dos alimentos que são utilizados para fazer a refeição e tudo é muito bem organizado. São montados fogões a lenha para que se possa cozinhar uma grande quantidade de alimentos, afinal será servida mais de 3000 mil refeições no final de semana.

“As elaborações tradicionais não se limitam somente a receitas diferentes, mas envolvem ingredientes, métodos, preparações, formas de sociabilidade e sistemas de significados” (MULLER, AMARAL, 2012, p.4). Seu Aridécio Alves, um dos integrantes da equipe de cozinha, presta serviço nas folias há pelo menos 20 anos, contou como é feita a tradicional carne de lata, esse método era muito utilizado antigamente para a conservação da carne. Pelo menos três dias antes, a carne é cozinhada, utilizando-se alho, sal e açafrão para temperar e após o cozimento é imersa na gordura e guardadas na lata.



Figura 18: Carne de lata

Para o almoço do folião, no domingo de pentecoste, tradicional na cidade, em 2017, serão utilizados 150 kg de arroz, 11 vacas, 60 Kg de feijão, 8 caixas de tomate

para a salada, 11 caixas de mandioca para fazer com carne seca, 3 sacos de cebola e 20 Kg de alho.

A cozinha de uma sociedade define-se como um sistema de classificações elaboradas sobre os alimentos comestíveis, a forma de prepará-los, combiná-los, os contextos de utilização. Classifica o mundo e os homens, envolve modos de relações entre as pessoas, seja no momento de elaboração da comida, seja no processo de sua degustação, ao definir através das regras de comensalidade situações de comunhão e de hierarquia, de celebração e de conflito, de pertencimento e exclusão. A comida e a cozinha atuam como instrumentos de distinção, traço constitutivo da identidade cultural, cuja retórica da origem comum, da unidade moral, apoia-se em elementos do cotidiano (DUTRA, 2012, p. 7).

Os cozinheiros e o alimento oferecido na folia são tão importantes que recebem homenagens como Bendito de mesa e o cantorio para os cozinheiros. A diferença entre eles é que o segundo entra na parte de diversão dos foliões na folia é um canto divertido, onde há muitas brincadeiras e risos, vira uma festa na cozinha.



Figura 19: Cozinha da folia de roça

## 5.9 Promessas

Para Rodrigues, (2015, p 20) “ As folias exercem importantes influência cultural e religiosa, sendo responsáveis pelo importante papel de guardiãs do saber tradicional de invocação dos Santos para curas e soluções de problemas materiais e espirituais”. E de forma cíclica a folia acontece, a partir das promessas e as novas promessas são feitas a partir de cada giro de folia. A devoção surge através da fé e é ela que sustenta a tradição, ao perceber que muitos dos devotos pedem os pousos, participam da folia para alcançar ou agradecer alguma graça, constata que se enquanto tiver essas pessoas que fazem as promessas e o recebimento da graça a folia vai existir.

Os organizadores da folia recolheram vários envelopes de pedidos e agradecimento as graças recebidas do giro de folia, muitos desses pedidos são pregados na Bandeira. Existe no rito do giro um momento reservado para os cantorios de promessa, presenciamos o cantorio do Sr. Felipe dos Cardoso, que pediu em agradecimento a graça concedida e de Dona Regina Maria, pediu um cantorio pisado. No caso do cantorio pisado o devoto que está cumprindo a

promessa pede que o Alferes coloque o pé sobre a enfermidade. Durante o giro de folia são muitos os pedidos de cantorios de promessas e são os testemunhos que dão sentido a essa devoção.

Os devotos depositam sua confiança para que possam ser curados através de sua fé ao Espírito Santo, e esse ato de fé também é um saber. Vejamos o exemplo de um jovem que fez uma promessa pedindo a cura do amigo que em um acidente feriu gravemente uma das vistas. As graças recebidas a fé de cada devoto faz como que aconteça novos giros de folia.

### **5.10 Os mistérios que acontecem na folia**

As folias também são cercadas de mistérios que se tornam sinais, revelações para o folião. No decorrer da pesquisa sobre as festas do Divino Espírito foi encontrados relatos tanto na literatura como na pesquisa a campo fatos como esses que se explica pela crença.

Em Pirenópolis ocorreu um fato que surpreendeu espectadores de um programa globo rural da TV Globo, a morte do Alferes no momento da entrega da bandeira e que havia sido anunciada a ele um ano antes, pelo próprio Espírito Santo. O alferes pediu ao Divino que não lhe levasse naquela hora, que lhe concedesse só mais um ano de vida e de festa. No ano seguinte, na saída da folia, tinha uma convicção que não voltaria mais para casa. O fato é que o alferes faleceu, na hora e do jeito que havia dito para que todos se preparassem (VEIGA, 2002).

O guia Joaquim de Filipe nos conta que nos giros de folia que frequentava na juventude, havia um velho guia que o chamou para conversa dizendo que no próximo ano não estaria na folia e que Joaquim assumiria o cargo de guia dessa folia, apesar de muita resistência o velho guia insistia que ele contribuísse em alguns momentos na folia. Há uma tradição na sabedoria popular que a pessoa que reza o ofício de Nossa Senhora é avisado por ela quando irá morrer. Seria esse o motivo do velho guia que tinha o habito de fazer essa oração está passando o seu posto? O fato é que no ano seguinte a esse acontecimento Joaquim passou a guiar a folia devido o falecimento do velho guia.

Essas revelações que o Espírito Santo faz aos foliões, quando se encontrando numa íntima relação tornam capazes de reconhecê-las. Em uma das folias que meu avô habitualmente participava no momento do cantório uma mulher colocou uma criança de baixo da bandeira, havia uma crença para esse fato e aqueles foliões que viram e conheciam o significado ficaram extremamente comovidos. Assim como na revelação do Afere de Pirenópolis significava que no próximo ano faltaria um folião, porém não sabia quem seria essa pessoa. No dia 3 de outubro meu querido avô veio a falecer após um infarto fulminante, encerrara seu tempo nesta vida, a missão como guia de folia havia terminado, seria ele o folião que haveria de faltar?

Para os foliões traçar a rota que a folia vai passar é extremamente importante, pois pela tradição a bandeira não pode cruzar o caminho por onde já passou. O folião Alessandro, conta que quando se cruza a o caminho é como se o mal estivesse cruzando o derramamento do Espírito Santo que são os sete dons. Outros foliões falam que se isso ocorrer algum folião vai faltar no próximo giro. Assim como essas crenças existem vários outros fatos que prevalecem pelos tempos nas folias.

### **5.11 A Catira**

Após os foliões cumprirem as suas obrigações na parte religiosa da festa vem o catira, momento de diversão, e servindo como forma de agradecimento ao dono da casa que já espera por esse momento. A catira insere-se nas danças populares do povo brasileiro, sendo que a sua variedade demonstra que as tradições e a cultura de uma localidade, muitas vezes, estão ligadas, além do aspecto religioso, ao aspecto social, econômico e cultural. A ocasião de participar de uma romaria ou uma folia conecta-se às atividades ritualísticas do catireiro, entretanto, para ele, o momento da dança da catira sucede no ato de rompimento, de interrupção do momento religioso (TEIXEIRA, 2012).

Podemos citar que a Catira tem laços estreitos com as heranças da colônia portuguesa miscigenada com traços indígena na batida dos pés e mãos, está presente em festas religiosas como a folias do Divino Espírito Santo e folias de Reis. É uma manifestação genuína brasileira que se espalhou pelo país com seus ritmos,

suas danças, suas melodias tornando-se uma importante manifestação cultural em varias regiões como herança do período de colonização (RESENDE, 2014).

Muito difundida pela tropeirismo no Brasil dos séculos XVII e XVIII, por muito tempo era apresentada apenas por homens. Isso devido ao fato de que durante as longas viagens a dança era a principal distração (PEREIRA, 2012) Cantos e danças assim espalharam pelo Brasil desde os tempos da colonização, e em cada região foi assumindo sua identidade.

A formação da coreografia consiste em duas fileiras, composta de quatro a oito pares, posicionados frente a frente, que sincronizam palmas e sapateados no ritmo das modas tocadas com a viola caipira. É executada por dois violeiros, sendo que um faz a primeira voz e o outro faz uma terça( abaixo ou acima). Os dançadores, palmeiros ou chaveira, nome dado ao restante do grupo são considerados coadjuvantes na execução da música. No momento em que se inicia o recortado começa o sapateado acrescentando percussão à melodia, marcando o ritmo e sonorizando a apresentação (RESENDE, 2014).

“No decorrer da apresentação os catireiros vão trocando de lugar recortando entre si, quando voltam ao lugar de origem termina a dança”. (LIMA, 2012, p. 6). Nas modas cantadas na Catira as trovas e rimas são inspiradas pela vida no campo, amores, trabalho, tristezas, vitórias, saudosismo entre outros. (TEIXEIRA, 2012)

A Catira e a Curraleira estão ligadas ao ciclo do gado ou do couro, sendo comum entre as duas, o fato de serem levadas pela viola caipira. Ambas consistem em acompanhar o som da viola com palmas e sapateado. Conforme a tradição essas danças surgiram nos momentos em que os tropeiros se reuniam para assar carne de gado curraleiro e cantar (RODRIGUES, 2011).

Assim como nas modas da Catira o temas dos cantorios da Curraleira vem de algum acontecimento prezado pelos foliões ou de curiosidades surgidas na comunidade. Uma observação importante é que os músicos também são responsáveis pela dança. Ou seja, eles tocam e dançam ao mesmo tempo. Utilizando uma ou mais violas caipira, a caixa como instrumento de percussão, a

sanfona e o pandeiro, tocam com ritmo caracterizado pelo rasqueado e os ponteios, associando a batida de pés e vozes. A dança da curraleira inicia-se com duas fileiras: na sequencia formam um circulo. Existe uma serie de formação, muito semelhante aos passos da Catira, sendo que os movimentos são mais rápidos e as modas de violas que acompanham mais animadas. A cada final de versos eles trocam de lugar uns com os outros, no final todos voltam ao lugar de onde começaram (RODRIGUES, 2011).



Figura 20: A Catira

### 5.12 A Despedida

O cantorio de despedida é regado de choro e emoção, o que pode ser observado na pesquisa a campo, é o ultimo cantorio do rito durante os pousos. Nesse momento se agradece ao pouseiros que receberam os foliões e os acolheram naquele pouso indicando que o Divino preciso partir para girar pelo mundo.

Trecho do cantorio de despedida

Meu Alferes da bandeira

E um senhor de boa vida

Já demos o agradecimento

Vamos dar a despedida

Despedida, despedida

Do santíssimo sacramento

Despedida do Altar santo

Com as imagens que estão lá dentro.

## 6. O ENCONTRO DAS BANDEIRA

Depois de sete dias de giro, dias onde se fortalecem os laços de amizades, da cumplicidade, de doação de todo tipo de serviço e de alimento, chega o dia da folia de roça se encontra com a da cidade. Após a matina, os foliões vão acordando, desarmando suas barracas e preparando suas bagagens, pois o ciclo já está chegando ao fim, fazem a despedida e os agradecimentos aos últimos pouseiros que como muita emoção se despede da folia.

Os foliões seguem em seus cavalos em direção à cidade com uma comitiva de mais de duzentos cavaleiros, em 2017. Os Alferes vão à frente carregando os símbolos da folia, juntamente com os foliões de frente. Paralelamente ao giro da folia de roça ocorrem as novenas em louvor ao Espírito Santo em toda cidade de Planaltina, e nesse dia também se preparam para o encontro das folias. A cidade paralisa durante a festa, é um movimento muito grande de devotos e seria impossível passar por Planaltina sem nota-lo.

Momento maior da festa é a chegada dos devotos na Praça da Paróquia mais antiga da cidade, a igreja matriz de São Sebastião, para o encontro das bandeiras. Esse momento traz mais uma vez a significação da festa, tudo aquilo que aconteceu durante os preparativos, as doações, a comunhão entre os devotos e também daqueles que nem são adeptos ao catolicismo acabam contribuindo de alguma maneira através de prestação de serviço voluntário, por exemplo. Cada comunidade traz a sua bandeira utilizada durante o giro na cidade, assim como na folia da roça, o ato de cruzar as bandeiras para os devotos reafirma o sentido de unidade da festa.

Após o encontro das bandeiras acontece o tradicional almoço na cidade, todos são convidados. Nas praças, colégios, nos salões das igrejas, uma equipe de cozinheiros preparam grande quantidade de refeições, sendo o cardápio da culinária local. Os foliões abrem a frente do banquete, em seguida o público.



Figura 21: Chegada da folia de roça na cidade de Planaltina

## 7. A MISSA DO FOLIÃO DE ROÇA E A DESALVORADA DA FOLIA

Último dia da festa, dia de Pentecostes na casa do Sr. Sousa Lima, todos os foliões e convidados participam do tradicional café da manhã, oferecido há 30 anos pela família. Os biscoitos foram preparados pelas pessoas que tem habilidades nessa arte, no momento em que surge o resgate da folia de roça na cidade de Planaltina, procurando os tocadores, guias de folias e etc, as biscoiteiras também entram como parte importante na festa, pois os biscoitos estão presentes na tradição nas folias.



Figura 22: Biscoitos do café da manhã na casa dos Sr. Sousa Lima.

Após o café os foliões partem em procissão a cavalo para a igreja Matriz fazendo a mesma reverência quando chegam aos pousos da folia, dando voltas em forma de coração. Na missa, toda a comunidade se prepara para receber os foliões de roça e os Alferes e família. É o momento onde os Alferes fazem os agradecimentos a todos que contribuíram para a realização da festa e também de comoção, pois se despedem da função e a transfere para os próximos Alferes. Se encerrado mais um ciclo das festividades em honra ao Espírito Santo e iniciando o

novo, pois agora os novos Alferes começam a se prepararem para a festa do próximo ano.



Figura 23: Missa do folião de roça, Igreja Matriz de São Sebastião

Como podemos acompanhar a equipe de cozinha para o almoço do domingo de pentecostes, não podemos deixar de falar sobre ele. Ao termino da missa é oferecido o almoço para os foliões e convidados, sendo em média 3000 mil pessoas, em 2017. É um momento de agradecimento e de homenagear os foliões que se destacaram recebendo um troféu de honraria.

Por último acontece a desalvorada ou a entrega da folia, que em 2017 foi realizada na igreja de São Sebastião. O cantório refere-se a tudo que foi alvorado tanto os símbolos como os foliões. Depois de conviverem longos dias não há como não se emocionar é a despedida, as lágrimas aparecem nos olhos de muitos. “Se tornando essas festas sistemas de trocas, restabelecimento de laços, fortalecimento do sentido de comunidade onde se evidencia o convívio entre o diverso e o único” ( ANDRADE, 2013, p.24,)

O trecho da música de Marino Cafundó de Moraes, descreve os sentimentos ao passo que os dia de giro de folia se encerra, onde todos voltam para casa, muitos vindo de outras cidades para participar dessa festa.

Levantamos os olhos para o céu e pedimos a Nossa Senhora

Que proteja todos os filhos seus espalhados pelo mundo afora

Regressamos para o nosso lar, quantas saudades deixamos aqui!

E já dizemos a nos separar, Planaltina não esqueço de ti.

(Música de Marino Cafundó de Moraes adaptação: Erasmo de Castro)



Figura 24: Desalvorada da folia na Igreja de São Sebastião

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar na realização de uma pesquisa sobre os saberes tradicionais evidenciados na festa do divino de Planaltina-DF, o que vinha em mente era que haveria muitas tradições dos antigos moradores da cidade, visto que a festa está presente desde a formação do primeiro povoado da cidade. Esse fato se confirma durante a execução da pesquisa, pois na festa existem essências que permanecem até hoje, como o rito, a utilização da bandeira como símbolo da festa, a visita às casas dos devotos.

Para, além disso, na pesquisa a campo verificou se que esses saberes são construídos e reconstruídos ao longo do tempo, influenciados pelo modelo de vida atual, da modernidade, da política e da igreja. Observamos que a mulher foi adquirindo espaço na folia que antigamente eram proibidas de fazer, assumindo papéis importantes, assim como os homens. E que o meio de transporte utilizado pelos foliões antigamente, os cavalos, hoje atrai participantes pelo hobby de cavalgar.

A festa inseri-se como campo de pesquisa no curso de Agroecologia pelo caráter interdisciplinar dessa ciência, onde no decorrer do curso podemos observar ações coletivas como os mutirões, troca de experiência e valorização do conhecimento tradicional dos povos, do saber que se constrói através da oralidade e da prática e que as outras ciências não valoriza. Todos esses aspectos traz o sentimento de pertença ao grupo e é isso que a folia traz para os moradores de Planaltina que participam da festa. Além disso, esse trabalho possibilita abrir campo para pesquisa de extensão e outros trabalhos a serem realizados nessa área, no curso de Agroecologia.

Por fim, os saberes identificados na Festa do Divino como o rito, os cantórios, as danças, a culinária, as promessas faz com que a tradição continue, visto que o caráter cíclico possibilita a ação de novos atores e que ao ser moldada possibilita a construção do sujeito e reconstrução da própria festa.

## 9. REFERÊNCIAS

ABDALA, M.C. Saberes e sabores: tradições culturais populares do interior de Minas Geraí e de Goiás. *História: Questão & Debate*, v.54, n.1,p. 125-158, 2011.

ANDRADE, D. P. Cultura popular brasileira e educação: as festas populares no contexto escolar, 2013.

ANDRADE, C; CAMARA, N.B. Festa do Divino: A Folia de Planaltina- Distrito Federal, Cantórios de uma Folia. Brasília, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: Frei João José Pedreira de Castro. 70. Ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.

CARVALHO, M. M. P. "Divino Espírito (re)ligando Portugal e Brasil no imaginário religioso popular", comunicação apresentada ao VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais, Saberes e Práticas, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa. 2008. 25-28.

CAPORAL, F.R. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis: Brasília: MDA/SAF, 2009.

Cunha, A L P da. "Um estudo sobre os processos de aprendizagem musical na Folia de Reis do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG.", 2017.

GOMES, R. L. B. Preservação do Patrimônio histórico cultural: um repositório para o museu histórico e artístico de Planaltina (DF). Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Brasília – DF, 2009, 41p.

GONÇALVES, M C da S. As Foliás de Reis de João Pinheiro: Performance e Identidades Sertanejas no Noroeste Mineiro. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília, 2010.

LIMAS, M.F.F. A origem e o pioneirismo do catira em Quirinópolis- GO. Congresso internacional de História da UFG. III. Jataí, 2012, 6 p.

Marco referencial em Agroecologia / Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

MAGALHÃES, L.R. Sertão Planaltino: cultura, religiosidade e política no cadinho da modernização (1950 – 1964). Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

MARIANO, F. P. A SIMBOLOGIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. Revista do Colóquio, v. 1, n. 2, p. 122-138, 2012. Acesso em: 03 out 2014.

MARIANO, N de. F. A divina festa do Espírito Santo: uma manifestação da religiosidade popular em Mogi da Cruzes, SP. Espaço e Tempo, São Paulo. N. 25, 2009, p.89.

MELLO, M. T. F. N. Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE. Brasília: Petrobrás, p. 208, 2006.

MÜLLER, S. G; AMARAL, F. M. A preservação dos saberes e fazeres gastronômicos por meio da articulação entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina e espaços culturais. Revista Thema, v. 9, n. 1, 2012.

OLIVEIRA, E. G. Patrimônio Histórico e Cultural de Planaltina (DF): memória e identidade social. Paco Editorial, 2013.

PEDRO, F. C.; DIAS, R. Patrimônio imaterial e turismo: o caso do município de Jequitibá - MG. Caderno virtual de turismo, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 41-53, 2008.

RÉDUA, W. Catira: Música, Dança e Poesia do mundo rural (Uberaba séculoXX). Dissertação (Mestrado em História), UFU, Uberlândia, 2010.

Rodrigues, M dos R P da. "O gênero Folia de Reis e a tradição familiar no distrito de São Vicente no município de Buritis-MG.", 2015.

SARAIVA, L.; CORREIA, E. Relatório Final. ". Atendimento e Encaminhamento, n. 3, 2006.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F.P. Unidade 2–A pesquisa científica. Métodos de pesquisa, p. 31-42, 2009.

SILVA, M. M da. A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: Instituto Goiano do Livro/Agepel. 2001..

TEIXEIRA, M. F.; DE ALMEIDA, M. G. Saberes da diversidade cultural Goiana: Manifestação da Catira nas festas religiosas. Salvador – BA, XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências sociais, 2011 Catira nas festas religiosas. Salvador – BA, XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011.

TEIXEIRA, E. F. B. A devoção do Espírito Santo na cultura luso-açoriana. Navegações, v. 6, n. 2, p. 237-243, 2013.

TREMURA, Welson Alves. A música caipira e o verso sagrado na folia de reis. In: Anais do V Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o. 2002.

VIANA, T; RIOS, S. As proteções contra o mal na Folia de Reis Devotos dos Magos, de Unaí MG. Anais dos Simpósios da ABHR, v. 13, 2013.

## 10. APÊNDICE

Entrevistas semi estruturada

Identificação

Nome

Idade

Qual a origem da Festa do Divino Espírito Santo?

Quando começou a ser realizada na cidade de Planaltina?

Quem são os personagens?

Considera uma Manifestação Cultural importante para a cidade?

Como ela surge na sua história de vida?

Qual o significado dessa Tradição pra você?

O que significa ser Guia ( Alferes, posseiro, mussungueiro, tropeiro, regente, rezas) na folia do divino ? O que faz? Como acontece a escolha?

### **O Rito**

Qual é o rito?

Como funciona?

Cantorios ( Como aprendeu a tocar e cantar? )

Promessas

Os foliões

Os instrumentos musicais ( Falar com os músicos )

**Os Símbolos** ( Explicar o significado dos símbolos)

Os Altares ( A importância do altar)

O Cruzeiro

A Bandeira

A Pomba

Os mais jovens matem a tradição?

Quais são as equipes de trabalhos?

### **O Alimento**

Como são preparados?

As danças tradicionais

Equipe médica?

Qual o papel da Igreja na Folia?

**Lista com o nome dos Alferes da Folia de Roça 1984-2017**

- 1984- João de Souza Lima e Evânia Alarcão de Souza
- 1985- Jandir José Guimarães Borges e Maria Creuza S.S. Guimarães
- 1986- Salviano Antônio Guimarães e Maria Alice G. Borges
- 1987- José de Sousa Ferreira e Nilza Paiva Ferreira
- 1988- Aloísio Campos Guimarães e Maria Rita Alves
- 1989- Erotides Machado Guimarães e Maria Violeta Guimarães
- 1990- Stela dos Querubins Guimarães de Tróis
- 1991- Paulo Sávio Cardoso de Oliveira e Valdeci Alarcão Cardoso
- 1992- Juarez Augusto de Oliveira e Elaine J.L Oliveira
- 1993- Névio Nogueira dos Cardosos Oliveira
- 1994- João de Souza Lima e Evânia Alarcão de Souza
- 1995- Dustan Cardoso de Oliveiro e Valdeci Alarcão Cardoso
- 1996- Rubéns Nogueira dos Cardoso e Lílian Nogueira
- 1997- Geraldo Monteiro Guimarães e Gislaine Maria F. Guimarães
- 1998- Marco Antônio Siqueira e Rosimar dos Santos Siqueira
- 1999- Alderico de Souza Caldas e Níria Cardoso Caldas
- 2000- João de Souza Lima e Evânia Alarcão de Souza
- 2001- Thiago Batista de Oliveira e família
- 2002- Isanei Lopes Jardim e Maria Helena Nogueira Jardim
- 2003- Múcio Ésio Nogueira Filho e Cacilda Maria Guimarães
- 2004- Pedro Monteiro Guimarães e Mônica L. Leoni
- 2005- Antônio Gratão Neto e Doralice Afonso

2006- Nêiron Sávio Mello Campos e família

2007- Maria Onofra Cardoso e família

2008- Rodrigo Nogueira Dapper e família

2009- RaniellePhilipe de Oliveira Zansávio e Áurea Maria de Oliveira Zansávio

2010- Aldemir Vieira e Liliany Oliveira

2011- Paulo Sávio Cardoso de Oliveira Junior e João Victor Cardoso de Oliveira

2012- Leonardo Morais e Silvia Helena Guimarães

2013- Diógenes Jaber Cardoso e Camilla Karen de Barros Galvan

2014- Hélvio Natividade Gonçalves e Gisele P. Alves Gonçalves

2015- Ulysses do Nascimento Gonçalves e Gisele P. Alves Gonçalves

2016- Jalles Guimarães e Gisele Gratão

2017- Aécio Campos, Ivalda e família